

Crônica – O ouro e o bandido

Arnaldo Domínguez

Comportamentos sociais tão díspares como violência e altruísmo, possuem sempre um componente genético. (...) O desaparecimento da biodiversidade é loucura que nossos descendentes jamais perdoarão (Edward O. Wilson,* Harvard University, Cambridge, Massachussets).

Romanian Parliament retains notorious anti-homosexual law; police persecution of gays & lesbians expected to escalate (...) Double victory in Buenos Aires: on August 30, 1996, the statutory convention of Buenos Aires, unanimously approved a measure forbidding discrimination on the basis of gender, age, race, religion, political ideology, or sexual orientation, making Buenos Aires the first Spanish-speaking city in Latin America to do so (*Emergency Response Network of the International Gay and Lesbian Human Rights*).

Diversas correntes de pensamento ainda conservam a conceituação que classifica certos comportamentos afetivo-sexuais humanos como desviantes. Desvio este que, sugere ostensivamente, a existência de um modo “adequado” de “objeto erótico”, constituindo o parâmetro da “normalidade” e em contrapartida, outros “patológicos”.

Esta dialética, sem dúvida, diz respeito a um discurso da moralidade, na qual a ética se estrutura em aspectos maniqueístas, cuja valoração se inscreve no campo de uma estética platônica: um bem supremo, da ordem do sagrado, versus o resto – o profano – que estará inscrito na esfera do mal.

Consequentemente, surgirá um *mestre* habilita-

do pelo *saber*, que determinará, qual “suprasumo”, o sendeiro que conduz ao “bom caminho”, execrando àqueles que “gozem” de um modo diferente.

Todavia, nestes subgrupos ditos “minoritários”, reproduz-se a lógica do “ideal”. Pois a língua apreendida, estará aprisionada a tais modelos conceituais, posto que ao serem afirmados pelos “homens do conhecimento”, representam as verdades absolutas.

[Quando o “senhor” enuncia uma verdade inquestionável, posiciona seu interlocutor no lugar do “escravo”, cuja boca, incapaz de contra argumentar, terá que se calar e curvar-se em sinal de respeito.]

Poder-se-ia classificar esta atitude no capítulo do sado-masiquismo e assim também constituiria um dos desvios sexuais.

Afinal, o discurso moral que normatiza o que é desejável, suscita a implementação de “estratégias da clandestinidade”. O lugar onde o “neurótico” situa o “perverso”, para posteriormente invejá-lo acreditando que este último seja o único que consegue gozar.

Conforme entendo a psicanálise, o “gozo desviante” é aquele que provoca um absurdo sofrimento ao sujeito demandante. Caracterizado por um “lugar de repetição” no qual seu “prisioneiro” está circunscrito como uma vítima da “maldição dos oráculos”. Um Prometeu acorrentado...

Talvez sirva de exemplo o dito espiritualoso que evoca o ouro que é entregue para o bandido... Pressupõe-se que haja um ingênuo que acredite no amor e na honestidade do outro. Ao ponto de entregar-lhe o ouro, cegamente!

E, como se a experiência não lhe deixasse aprendizagem, haverá de repeti-la sucessivamente. Encontrando sempre “bandidos” pelos quais apaixonar-se-á logo, a desilusão permitir-lhe-á preservar seu lugar de “vítima infeliz”. E é este seu lugar de gozo.

Pouco se importa com a anatomia genital dos envolvidos. Porque o problema é outro. Além do mais, “nem tudo o que brilha é ouro”.

* Criador do conceito de que os comportamentos sociais possuem componente genético; é considerado o pai da Sociobiologia.

Nas citações com que iniciei este texto, reinci-de um tema velho conhecido: a polícia perseguindo gays e lésbicas. A homossexualidade no banco dos réus, posicionando os lugares de “bandidos” e “mocinhos”. Contudo, o pai da Sociobiologia defende a existência da biodiversidade e assegura o papel decisivo da genética no comportamento humano, o qual justifica não só a homossexualidade como a violência policial.

Bom, onde colocaremos o “altruísta”?

Eu disse que a “lógica do ideal” (pensando na estética platônica), reproduz-se no seio das minorias. Pois no discurso *outsider*, há também uma língua maniqueísta, que separa, por exemplo, promíscuos de monogâmicos, ou discretos de pintosas etc.

Devemos supor que o altruísta seria o proprietário do ouro, mas, como somente observamos a imagem virtual do objeto real, o qual é invisível para os nossos olhos falantes, podemos concluir que trata-se de mais um engano da relatividade existencial.

E a genética será visível ou apenas outra das convenções contemporâneas?

O importante é recordar que enquanto não esclarecermos estes mal-entendidos, a polícia continua implantando sua violência impunemente, a religião com sua neurose obsessiva do pecado e a ciência sua epistemofilia, que significa comer de Sophia (a árvore da sabedoria), seu fruto proibido... (e isto não é “perverso”?)...

As portas do tempo...

São Paulo, 29 novembro de 1996.

A maneira como a carta estava escrita, sugeria uma imagem de fenda intermitente, que ora abria, ora fechava para os olhos atônitos da mulher que a lia...

Era uma carta anônima cujo formato literário parecia arredondado, circular, envolvente. Dizia, com rodeios, idéias incompletas. Abstratas. Intrigantes. Estimulantes à leitura. Assim, quase que em êxtase devorava suas letras segurando-a trêmula, porém, com suavidade. Aprisionando dis-

traída entre os dedos da mão esquerda, o envelope rasgado. Enquanto que o filete de papel arrancado abruptamente, jazia junto a seus pés, confundindo-se com o tapete e escondendo-se na sombra de seu corpo, adivinhando-se sua presença através da incandescência de um feixe de luz que interrompia a continuidade da escuridão.

A cada novo parágrafo, com um ar de perplexidade, certificava o remetente inexistente e o garrancho ilegível que assinava o manuscrito. Sucedia-lhe um PS extenso, que ocupava pouco mais de meia página. Fato que desestimulava sua leitura antecipada e ao mesmo tempo, atiçava a vontade de fazê-la.

A escrita apresentava-se na primeira pessoa do singular, mas de um modo muito astuto, não mostrava alguma pista que permitisse supor o gênero do escritor, permanecendo na mais misteriosa androginia. Tampouco fazia referência a destinatário. Apenas mencionava o endereço. Seu endereço... Mas, ela mudara-se havia tão só quarenta dias? [Uma quarentena de ansiosa espera, quebrara-se por uma carta ambígua, que tanto poderia estar dirigida a ela quanto ao morador anterior. Ou seria moradora?] Lembrou-se repentinamente numa espécie de atenção flutuante, do comentário que escutara da boca de uma jornalista de certo renome e reputação, que se orgulhava de “diagnosticar” a orientação sexual dos escritores, conforme o estilo que utilizavam nos seus textos. E, claro, editora chefe, como era, e homofóbica (paranóica?, pensou...), os sabotava. Nossa leitora lamentava não desfrutar desta habilidade, sobretudo em situações como esta em que sentia algo da ordem da ilegalidade desenfreando-lhe as pulsões durante o ato da leitura. Seria uma imoralidade? Ela, afinal, era psicanalista! E finalmente defrontara-se com o dilema que separa a ética do analista da conversa fiada do moralista mais estapafúrdio. Teria ela um discurso da moralidade? Estaria saboreando o episódio da “carta roubada”? Encontrar-se-ia perante a iminência de um gozo perverso, e por isso o tremor fasciculado de suas

fibras musculares mais microscópicas? Haveria aqui um escoamento libidinal desviante?

Para defender-se das insinuações preconceituosas de seu 'superego', culta e intelectual, como era, recorreu a Chapman, que a respeito dos sonetos de Shakespeare, como citava Oscar Wilde, afirmara: "Não há perigo para o homem que sabe o que são Vida e Morte: não há qualquer lei que exceda seu conhecimento: nem é legítimo que ele se curve a qualquer outra lei".

A transexualidade contextual da escrita, entretanto, causava-lhe um enorme desconforto que desfigurava seu austero semblante habitual.

E se por acaso fosse uma mulher a autora dos enunciados? Arrepiara-se a tal extremo sob a influência do feminino? O que estava acontecendo com seu Édipo? Como iria denominar este desejo? Estaria perdendo a aptidão para sustentar sua atuação clínica? Teria se descuidado no zelo da neutralidade psicanalítica?

Todas as latências afloraram reveladoras no instante desse reencontro desastroso, ao ponto que de pouco adiantaria descobrir o gênero do autor/a ou o destinatário. Fracassara no seu ato socrático de tentar tirar o corpo fora perante os apelos de Alcebiades. Após tantos anos fingindo ser "o morto", finalmente seus hormônios a traíram escandalosamente. Poderíamos sugerir que houvesse sido acertada em cheio no âmago da "metáfora do ponto G". Justamente na teoria abandonada da "Sedução", revelando-se seus aspectos mais estranhos (estrangeiros).

Queimou a carta antes mesmo de atingir o PS, crente de que apaziguaria o poder desse matema. Mas a fogueira que acendera, resultou-lhe inquisitória... sendo ela a própria bruxa que renunciara à cama para sentar-se como uma "sábia" por detrás de um divã, desde onde, durante tantos anos, apertava os comandos para breicar os gozos diferentes, como pensava corresponder. Era tarde demais... estava aberto o ventre de Saturno e os filhos devorados emergiam do seu sangue, como fantasmas ressuscitados de uma cena do "inferno dantesco".

Era tarde... Quando olhou para a estante, onde ostentava uma empoeirada coleção das "Obras completas..." viu um abutre acenando com seu bico voraz apontado ameaçador para o calor de suas entranhas.

No desespero de suas confissões esquecera-se de Santo Agostinho. Tentara apropriar-se do tempo e tornara-se uma escrava cujo tempo estava perdido para sempre...

Assim foi que curvou-se às evidências. Perverso era o desejo que desejara apropriar-se do obscuro objeto oculto no P.S.; apoderar-se da carta, por exemplo, constituía uma das estratégias do seu gozo, e a culpa que a invadira, o interdito. Essa lei que rege a autonomia da vontade. Ela queimara o enigma sob o propósito de mantê-lo enigmático, entretanto, após esta experiência, já não seria a mesma. Como quem retira uma máscara, descobriu seu rosto e o que pôde observar: não parecia nem homem nem mulher... apenas um ser sexuado. Uma espécie de signo luminoso, cuja luz intermitente assemelhava-se a uma fenda que ora abria, ora fechava, para a perplexidade da observadora.

O vento carregava as cinzas, mas o filete de papel que sabia-se perdido nas sombras do tapete, era a prova inquestionável do seu «encontro». Procurou-o até reencontrá-lo e o guardou desempenhando a função de apontador entre as páginas do livro que estava sobre sua mesa de leitura, cujo título era, coincidentemente: "O que quer uma mulher?"...

O tempo deixara de ser quarenta dias. Poderiam ser quarenta anos, quarenta séculos ou quarenta ladrões. Teve a sensação que por debaixo do tapete onde pisava, não existia o chão. Duvidou também da verdade das coisas. Contudo, não sentiu pavor por causa do abismo. Sentiu algo inexplicável... uma espécie de insustentável leveza.

Pensou até que era possível brincar de Baudelaire e escreveu a respeito da "dessacralização da psicanálise" mas foi expulsa da Sociedade Internacional. Era um desrespeito para com a metáfora paterna.

Todavia, incapaz de negar a dimensão do inconsciente, lhe resultou impossível engendrar um discurso político.

Calou a boca enquanto pode, mas ao abri-la novamente, percebeu que tratava-se da fenda, e desta intermitência brotaram-lhe palavras como lavas vulcânicas e tornou-se poeta.

A única maneira em que se expressa o silêncio abismal da existência humana. Havia aberto para sempre todas as portas do tempo...

E só agora é que sentia-se apta a viver o presente. E foi exatamente isso que ela fez. [Não me pergunte como]...

